

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE SIGNIFICAÇÃO

Israel Kujawa¹

RESUMO

Para investigar o papel da psicologia em nossa sociedade, se faz necessário elucidar o conceito de significação. O conceito de significação abordado neste artigo está vinculado ao conceito de linguagem e de filosofia. A partir das contribuições de Ludwig Wittgenstein e de Hans-Georg Gadamer, é possível reconstruir o conceito de significação com três formas de caracterização. Este artigo reconstrói estes três referenciais: semântica, pragmática e hermenêutica, destacando a atualidade e a relevância dos mesmos para a compreensão do conceito de significação.

Palavras-chave: significação; semântica; pragmática; hermenêutica.

CONSIDERATIONS ON THE MEANING CONCEPT

ABSTRACT

In order to investigate the psychology role in our society, it is necessary to elucidate the meaning concept that has been approached in this paper which is bonded to the concept of language and philosophy. From the Ludwig Wittgenstein and Hans-Georg Gadamer's contributions, it is possible to rebuild the meaning concept with three forms of characterization. This paper rebuilds these three references: semantics, pragmatics and hermeneutics by enlightening the present time and their relevance to the comprehension of the meaning concept.

Key words: meaning; semantics; pragmatics; hermeneutics.

¹ Mestre em Educação. Professor do Curso de Psicologia IMED - Faculdade Meridional, Passo Fundo, RS.

Introdução

O conceito de significação, para os objetivos deste artigo, será caracterizado a partir dos referenciais da semântica, da pragmática e da hermenêutica. Desta forma, o artigo caracteriza a semântica, a pragmática e as implicações decorrentes das mesmas no estabelecimento dos critérios para a significação². A última parte deste artigo é dedicada para a reconstrução de aspectos da hermenêutica, que podem ser considerados como um estágio posterior, cumulativo, das reflexões sobre a significação, o retomar questões enfatizadas pela semântica (o sentido da vida, a ética e a projeção do futuro) e as localizar no contexto.

A psicologia, como as demais ciências, tem em suas metas a contribuição para a realização do ser humano. Seja na dimensão particular ou social, o ser humano vive orientado, explicitamente ou não, por um sentido ou significação. Para compreender comportamento, a psicologia precisa esclarecer as causas ou os referenciais que orientam o mesmo. O espaço deste artigo não comporta uma reconstrução da história da psicologia com seus enfoques específicos. A meta situa-se na idéia da importância em desacomodar a psicologia, perceber como conceitos da filosofia, semântica, pragmática e hermenêutica, podem contribuir na compreensão das bases da psicologia, bem como no seu sentido e seu papel. A psicologia impulsionada pela idéia de um sujeito universal ou de um sentido formal, completo e definitivo, convive com bases em contextos e condições históricas.

Sobre as bases da psicologia a seguinte citação é ilustrativa:

A objetividade sustentou o discurso da neutralidade do cientista, pretensamente garantida pela utilização do instrumento que propiciou a separação entre sujeito e o objeto. Essa suposta separação situou o psicólogo (sujeito ativo) numa posição de descobridor da realidade psíquica (objeto passivo) que independeria dos modos de conhecer utilizados pelo primeiro (Guareschi, 2005, p.110).

O desenvolvimento do iluminismo com ênfase na capacidade humana de servir-se da razão para compreender a realidade e melhorar a vida dos homens, destacando a dimensão matemática e objetiva, desenvolveu-se em grau menor do desejável. Em contraposição à dimensão objetiva, David Harvey destaca, no livro *Condição Pós-Moderna*, a importância da dimensão estética.

Porque, quando Rousseau substitui a famosa máxima de Descartes “Penso, logo existo” por “Sinto, logo existo” assinalou uma mudança radical de uma estratégia racional e instrumentalista para uma mais conscientemente estética de realização das metas iluministas. Mais ou menos na mesma época, Kant também reconheceu que o juízo estético tinha de ser elaborado independentemente da razão prática (juízo moral) e compreensão (conhecimento científico), e que formava uma ponte necessária, embora problemática com as duas”. (Harvey, 1993, p.28).

O reconhecimento de que a compreensão humana tem uma dimensão estética, que se diferencia da dimensão precisa, matemática ou objetiva é um ponto de partida importante para a análise da realidade. Desta forma, podemos dizer que a ênfase em apenas uma das dimensões de análise da realidade dificultou uma compreensão mais completa. A vivência da dimensão reflexiva processual pode dar as condições para que o futuro seja projetado em dimensões mais humanas.

² O termo significação poderia ser substituído, nos propósitos deste artigo, sem nenhum prejuízo pelo termo linguagem ou sentido. Isto se deve ao fato de significação ocorrer na linguagem, de tal forma que elucidando o conceito de linguagem será elucidado o conceito de sentido ou de significação.

Pode-se afirmar que a idéia iluminista de sujeito racional que desde Platão serve de norma, ou parâmetro – “[...] somos levados a pensar que, por trás do mundo sensível deve existir outra ordem de realidade, o mundo inteligível ou metafísico, além da aparência” (Hermann, 2002, p.256). – para a interpretação da realidade é mantido pela tradição semântica, presente na *Tractatus Lógico Filosófico*. Nesta obra, Wittgenstein pretende estabelecer o sentido, tendo a dimensão lógica ou formal como parâmetro³.

Podemos localizar o conceito de significação na história do pensamento humano tendo como referência a razão e/ou, o místico. No pensamento antigo (Sousa, 1989), podemos localizar a passagem do mito para a razão como referencial. No pensamento medieval (Ubaldo, 2005), podemos dizer que tivemos o retorno, com outra roupagem, da centralidade no referencial místico. Na Idade Moderna (Rosenfield, 1996), a partir de Descartes, o referencial da razão constitui-se como instrumento para o conhecimento. A partir de Emmanuel Kant (Kant, 1991), a razão tornou-se objeto a ser investigado.

A partir da reviravolta linguística, um novo objeto constitui-se como paradigma central para o desenvolvimento de todo o pensamento acadêmico. Este novo objeto que, de alguma forma, ocupa o lugar da razão, é a linguagem. Portanto, a reflexão sobre a metodologia correta na investigação do pensamento e do conhecimento humano é aquela que trata, em primeiro lugar, da linguagem. A linguagem evolui da condição de veículo de transmissão de conhecimento para se caracterizar como condição de possibilidade do mesmo.

Wittgenstein (1990, 1991, 1993) é reconhecido, no mundo acadêmico, como um dos pensadores mais importantes do século XX. Publicou pouco durante sua vida, mas escreveu duas obras que podem ser consideradas indispensáveis para quem quer ter um bom entendimento das bases metodológicas que orientam as duas grandes linhas de estudo da linguagem. Isto é, a semântica e a pragmática.

O *Tractatus Logico-Philosophicus* foi a única obra publicada em vida por Wittgenstein. Este trabalho apresenta a linguagem como uma grande preocupação acadêmica. Apresenta, também, uma reconstrução dos elementos que devem ou deveriam ser tratados e resolvidos pela semântica. Demonstra que as pretensões centrais da Semântica não podem ser concretizadas. A Semântica deveria apresentar o sentido último⁴ e universal para a linguagem, construir uma linguagem universal e logicamente perfeita e demonstrar que esta linguagem pode substituir com vantagens a linguagem natural (Wittgenstein, 1993).

O autor afirma, no final do *Tractatus*, que o sentido último, formal, a partir do qual o conceito de significação poderia ser constituído, não pertence ao campo da ciência, mas ao campo místico e, portanto, está fora do mundo da ciência. A semântica estaria, segundo Wittgenstein, pretendendo abordar cientificamente aquilo que pertence ao campo místico. O místico pode ser mostrado, mas não pode ser dito. O sentido último para a vida e para a linguagem não pertence ao campo da ciência, pertence ao campo do místico. “Há por certo o inefável. Isso se mostra, é o Místico” (Wittgenstein, 1993, p.281). A primeira obra publicada por ele despertou grande interesse no mundo acadêmico nas áreas da Filosofia e da Linguagem. Contudo, podemos dizer que Wittgenstein está ligado ao meio da Filosofia, e a motivação desta obra é uma motivação filosófica. Ou seja, podemos dizer que a motivação do *Tractatus* é o sentido último da vida, das coisas e se é possível expressar significativamente este sentido.

³ Não estão postos, pelos limites deste artigo, reconstituições e esclarecimentos gerais neste debate. O recorte apóia-se na tradição semântica, a partir do *Tractatus Lógico-Philosophicus* e na tradição pragmática, a partir das *Investigações Filosóficas*. Sendo que a primeira tradição visa o universal, lógico, formal e definitivo e a segunda apresenta-se de forma mais contextualizada, empírica e particular.

⁴ Sentido último ou ponto de partida formal, a partir do qual toda a significação possa ser estabelecida.

Semântica: a significação a partir de referenciais formais

A semântica pode ser definida como ciência da significação. Como já afirmamos, trata das relações dos signos com os objetos a que eles se referem e da função dos sinais lingüísticos decorrentes dos nexos entre os próprios sinais. Na segunda metade do século passado, Quine (1990) insistiu na distinção entre os dois aspectos da semântica. Um que pode ser denominado de *teoria do significado* e outro denominado de *teoria da referência*. É oportuno esclarecer que, definida desta forma, teremos uma fronteira não muito nítida entre a semântica e a sintática. Esta falta de nitidez sobre a exclusividade entre os dois campos se deve ao fato da sintaxe ser definida como a disciplina que estuda as relações dos sinais em si mesmos, no interior de um sistema lingüístico. Por outro lado, estabelecer um sistema lingüístico que dê conta de todas as relações significativas entre as expressões num sistema lingüístico formal é um dos dois grandes empreendimentos que desafiam a semântica.

As dificuldades de estabelecer um sistema de significação decorrem do ponto de partida para o critério de significação, que, para a semântica é formal, e das significações imprevisíveis que as expressões podem ter, decorrentes do contexto. Hans-Georg Gadamer afirma:

A semântica é uma teoria de signos, sobretudo de signos de linguagem. Signos são, porém, meios. Os signos são usados aleatoriamente e deixados de lado como qualquer outro meio empregado na atividade humana [...] Mas o verdadeiro falar é mais que a escolha dos meios para alcançar determinados objetivos de comunicação. A língua que dominamos é onde vivemos, isto é, onde o que queremos comunicar só pode ser “conhecido” na forma da linguagem (Gadamer, 2004, p.209).

Para a semântica, os critérios de sentido das sentenças devem estar num mundo diferente do mundo físico ou do mundo mental, pois seria particulares ou subjetivos. Qual seria o seu ponto de partida para a significação? Em seu livro, *Problemas de filosofia da linguagem*, Mário Guerreiro expõe o conceito de sentido da seguinte forma:

As idéias não são coisas existentes no mundo físico, nem muito menos representações existentes no mundo mental - são formas existentes em um mundo distinto de ambos os anteriores. Somos obrigados a convir que a postulação deste terceiro mundo vai de encontro ao que se poderia chamar de ontologia ingênua do senso comum, pois, para ela, o mundo se reparte em duas metades nítidas e distintas - há o das coisas que estão do lado de fora e das coisas que estão do lado de dentro, há o espetáculo oferecido pelo palco comum dos objetos e dos eventos e há o espetáculo oferecido pelo palco privado de cada ser humano. Diante, disto como seria possível conceber qualquer coisa que não estivesse alojada entre os fenômenos físicos ou entre os mentais, [...] (Guerreiro, 1985, p.41).

A representação, que pode ser definida como o objeto ou a referência de uma sentença ou palavra, não pode ser critério de significação para a sentença. Isto, devido ao fato de uma palavra poder ter várias representações, vários objetos, várias referências com sentido.

O primeiro argumento que corrobora para o fato de que a representação, referência ou objeto não são critérios para significação de uma sentença é que uma palavra pode ter várias representações. Pode-se provar isso através de um exemplo. Suponha-se que alguém, por não saber o significado da palavra *cão*, quer saber o significado da mesma. Para se apropriar do significado desta palavra pede a um grupo de sujeitos que a represente. Estes provavelmente representarão de forma diferenciada. Com orelhas, pernas, boca, pêlos de proporções diferenciadas. Estas diferentes representações convergem para a mesma palavra. Contudo, dizer que existem diferentes representações para a mesma palavra significa afirmar que não há identidade entre palavra e representação e, com isto, não há identidade entre palavra e objeto.

O segundo argumento que ajuda a destituir a idéia de que o objeto pode ser o critério de significação para as palavras é a impossibilidade de representar várias palavras. Palavras, como por exemplo, *conectivos lógicos* (e ou).

A semântica empenhou-se na tarefa de resolver duas grandes questões: apresentar uma teoria ideal da linguagem e comprovar sua importância para o aperfeiçoamento da comunicação humana. Empenho que contribuiu muito para o progresso no estudo da linguagem e do conhecimento humano em geral, como é observado na citação de Gadamer.

Creio que o mérito da análise semântica tenha sido o de ter trazido à consciência a estrutura total da linguagem e de ter relacionado a essa estrutura os falsos ideais de unicidade dos signos ou símbolos e da formalização lógica da expressão de linguagem (Gadamer, 2004, p.205).

Contudo, devemos lembrar que a semântica foi impulsionada por um problema anterior, que é a necessidade de estabelecer uma linguagem logicamente perfeita e universalmente válida. Já mencionamos, ao definir a reviravolta linguística, que alguns pensadores, preocupados com as imprecisões da linguagem natural, se esforçaram em construir uma nova linguagem que estivesse livre das imprecisões da linguagem natural e a pudesse substituir.

A análise da linguagem, independente do método, passa pelo conceito de significação. A semântica pretendeu buscar este conceito no campo formal. A história da ciência da linguagem nos mostra que os objetivos da semântica sofreram contestações. A Pragmática contesta a possibilidade de construir uma linguagem logicamente perfeita ou universalmente válida. E, além desta primeira dificuldade, a segunda contestação está relacionada com a possibilidade desta linguagem logicamente perfeita auxiliar ou substituir a linguagem natural. Por estes motivos, a metodologia de análise da linguagem utilizada pela semântica concorreu com uma metodologia alternativa para a ciência da linguagem. Esta alternativa à semântica evidencia a necessidade de partir, não de uma linguagem ideal, mas ter no uso o ponto de partida para a construção de uma ciência da linguagem.

Wittgenstein (1993) foi coerente com a última afirmação do *Tractatus Lógico Filosófico*, pois abandonou o objetivo de construir uma linguagem essencialista (semântica) e, nas *Investigações Filosóficas*, elaborou um sistema de análise linguística que teve o uso como elemento central. Não se trata de diminuir o papel central da linguagem na constituição do conhecimento. Da mesma forma, não se trata de desconhecer que a linguagem deve ser aperfeiçoada. O que se apresenta é a compreensão de uma nova forma de perceber como a linguagem pode ser aperfeiçoada, mais do que isto, uma nova forma de caracterizar a imperfeição da linguagem.

Por mais imperfeita que seja a nossa linguagem, ela não é imperfeita, parece-me, porque não se ajusta a uma realidade que só se desvenda ao pensamento do filósofo, mas sim porque dela resultam muitos problemas práticos, tais como os de interpretação das leis e conceitos. E, portanto, cabe apenas à prática, e não à teoria, reformar a nossa linguagem e estabelecer uma nova convenção (Smith, 2005, p.17).

Esta citação está em sintonia com um novo referencial de significação, tendo o mundo da vida como novo parâmetro. Ao abandonar o referencial teórico formal e assumir a caracterização da análise da significação a partir da prática, os critérios básicos e primeiros de significação estão apoiados na pragmática.

A significação da linguagem na perspectiva pragmática

Para a semântica, ou concepção essencialista da linguagem, é necessária a construção de um sistema ideal de linguagem que possa superar as ambiguidades da linguagem natural. Para a pragmática, a semântica não consegue fugir do abismo que se estabelece entre um sistema abstrato de signos e o uso deste, pelos falantes.

Em seu livro *Introdução a uma pragmática filosófica*, Arley Moreno defende a concepção pragmática como uma forma de fugir do dogmatismo.

A interpretação que tentarei expor consiste em sugerir que uma interpretação filosófica da ligação entre o empírico e, particularmente, o simbolismo lingüístico deve passar pela aplicação de conceitos de natureza pragmática, sem os quais essa interpretação correrá o risco do dogmatismo – tanto realista como idealista” (Moreno, 2005, p.17).

Desta forma, mesmo que fosse possível, seria inócuo estabelecer um sistema ideal de signos se este não tiver utilidade prática na comunicação.

A pragmática afirma que os elementos determinantes da significação estão no contexto do uso da linguagem. Isto quer dizer que não se pretende mais estabelecer critérios de significação universal para a linguagem, mas que se passou a buscar critérios para a análise da linguagem através do uso. O uso, a prática linguística será o novo escopo para o estabelecimento dos critérios necessários para tornar uma prática linguística eficiente.

Uma expressão pode ter várias funções. Estas diversas funções de uma expressão dependem do contexto e da ação do falante. Ao afirmar que a designação das funções das palavras ocorre a partir da ação do falante em contexto determinado, rompe-se com uma premissa fundamental da semântica. A análise da comunicação, sua eficiência, sua função, suas falhas, que passam pelo conceito de significação, depende, não apenas de regras formais, mas, sobretudo, das circunstâncias. Esta é uma noção repetitiva na segunda grande obra de Wittgenstein que transformou a ciência da linguagem.

Esta noção provoca uma reviravolta por ser a base do novo escopo para a ciência da linguagem, que substitui a intenção de construir uma linguagem ideal pela intenção de elucidar a análise da linguagem, a partir do seu uso. Afirmar que uma palavra tem vários tipos de uso é extremamente relevante, pois significa afirmar que não existe relação essencial entre signo e objeto. Podemos ilustrar esta afirmação com o exemplo do signo *cão*, que pode ser representado de múltiplas maneiras. Pode até significar, não uma espécie de cão, mas pessoas com determinadas características.

Esta premissa implica a implosão do desejo maior dos lingüistas semânticos que pretendiam, através de sua ciência, apresentar critérios formais e definitivos de distinção entre linguagem com e sem sentido. “Todavia, a “pureza” metodológica só se deixa alcançar em âmbitos particulares. Essa vem sempre precedida pelo contexto da orientação no mundo, implícito na relação de mundo que se dá eminentemente na linguagem”. (Gadamer, 2004, p.208).

Ludwig Wittgenstein desenvolverá seu novo sistema lingüístico a partir de uma categoria central que ele denomina de *Jogos de Linguagem*. A Linguagem, para Wittgenstein (1991), das *Investigações Filosóficas*, só poderá ser compreendida se analisada dentro de um jogo. Podem-se estabelecer novas regras para o jogo, pode-se até construir um novo jogo, mas nunca de forma independente do jogo que está sendo jogado. As regras deste jogo, as regras que permitem a análise da linguagem, podem ser preestabelecidas ou estabelecidas pelos participantes do jogo. Analisar a linguagem é elucidar as regras que regulam o jogo.

Ao escrever as *Investigações* Wittgenstein afirma que a mesma só poderia ser compreendida em oposição à primeira. “Há quatro anos, porém, tive oportunidade de reler meu primeiro livro (O Tractatus Lógico-philosophicus) e de esclarecer seus pensamentos” (Wittgenstein, 1993, p.08). Wittgenstein das *Investigações* afirma que o êxito de um ato comunicativo depende ao menos de três elementos, ou seja, a intenção, a expressão e o reconhecimento, sendo que o núcleo central para a análise da comunicação está na relação entre a intenção do falante e os instrumentos de expressão desta intenção que parecem ter um sentido independente da ação comunicativa. É fato que, normalmente, as intenções dos falantes estão subordinadas às convenções linguísticas, mas está aberta a noção, segundo a qual a intenção pode ser fixada independentemente dos instrumentos convencionais, e que os instrumentos convencionais podem ter sentido independentemente da ação do falante. Contudo, ao analisar detidamente a relação entre intenção e expressão, Wittgenstein afirma que as práticas sociais – situações, usos, costumes e instituições – tornam possível a determinação da intenção.

A intenção está inserida na situação, nos hábitos humanos e nas instituições. Se não existisse a técnica de jogar xadrez, eu não poderia ter a intenção de jogar xadrez. [...] Podemos apenas dizer alguma coisa, se aprendemos a falar (Wittgenstein, 1993, p.113).

A análise da conversação em três elementos distintos (intenção, expressão e reconhecimento) exige a reconstrução das práticas sócio-institucionais nas quais estão inseridos falantes e ouvintes. Desta forma a linguagem não pode ser analisada como uma ciência formal, mas como uma forma de vida. “O termo “jogo de linguagem” deve aqui salientar que o falar da linguagem é parte de uma atividade ou de forma de vida” (Wittgenstein, 1991, p.18).

Elaborar uma teoria linguística que explicita as condições de realização da comunicação, neste caso, implicaria em classificar os usos que os falantes fazem das palavras. Com isso, se torna possível a elaboração de uma teoria do sentido baseada no uso.

O diferencial neste método de análise da linguagem está na concepção segundo a qual analisar a linguagem é descrever os diferentes jogos de linguagem em que é usada uma expressão. Isto é, descrevendo-se os diferentes atos comunicativos nos contextos sócio-culturais em que são realizados, elucidam-se o sentido da expressão, elucidam-se o seu valor cognoscitivo. Na obra *Da Certeza*, Wittgenstein afirma: “Quando os jogos de

linguagem mudam, há uma modificação nos conceitos e, com as mudanças nos conceitos, os significados das palavras mudam também”. (Wittgenstein, 1990, p.31).

A expressão “jogos de linguagem” significa ação linguística que não pode ser compreendida de forma dissociada da análise dos atos de fala. Atos de fala que devem considerar os contextos sócio-institucionais. Por exemplo, num contexto de sala de aula, na relação professor-aluno, a expressão *vou ao banheiro* pode significar um pedido de autorização, se partir do aluno, e pode significar um comunicado se partir do professor. O sentido é diferente em cada contexto específico, não seria possível fazer ciência da linguagem, pois a ciência deve ter caráter universal. A análise da linguagem, no escopo da pragmática, evidencia a dificuldade da dicotomia entre o formal e o concreto.

Um dos limites da pragmática é como estabelecer regras universais, formais de análise da linguagem no seu uso. Outra forma de apontar os limites do método pragmático de análise está associada à desvalorização da busca de um sentido universal. Em seu livro *A última palavra*, Thomas Nagel defende a centralidade da razão, como forma de explicitar o conceito de significação.

Um dos fatores que têm contribuído para a desvalorização da razão é a concepção errônea da importância da linguagem para a filosofia. Como as linguagens são práticas humanas, produtos culturais que diferem entre si e têm histórias complexas, a idéia de que um nível mais profundo de análise do nosso conhecimento, do nosso pensamento e da nossa compreensão deve necessariamente passar pela linguagem foi dando margem, gradualmente, a uma espécie de psicologismo sobre o que é mais fundamental, que por sua vez freqüentemente conduz ao relativismo. Mas o verdadeiro objeto, então, não é a linguagem enquanto prática contingencial, mas, num sentido amplo, a lógica, o sistema de conceitos que torna possível o pensamento e ao qual toda a linguagem utilizada por seres pensantes precisa adequar-se” (Nagel, 1998, p.47).

Nagel reforça a importância de buscar os referenciais de significação em dimensões que transcendam o limite de contextos particulares, fechados. Os conceitos de razão, pensamento e mesmo de linguagem, numa perspectiva lógica e universal, são importantes para a superação do subjetivismo ou relativismo.

Hermenêutica: uma nova forma de estabelecer o sentido

Para reconstruirmos a caracterização do sentido no escopo da hermenêutica estamos nos apoiando em *Verdade e Método II*, obra foi escrita pelo filósofo alemão Hans-Goerg Gadamer, em 1960. Entre as formas de caracterizar seu pensamento está a sua “tentativa de interpretação do ser histórico, através de sua manifestação na linguagem, forma básica da experiência humana”. (Japiassu, 2004, p.108).

Como afirmamos anteriormente, podemos compreender a semântica como uma teoria que procura compreender e explicitar as questões essenciais da existência humana através de uma linguagem logicamente perfeita e universalmente válida. O reconhecimento da impossibilidade de tal empreendimento – “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (Wittgenstein, 1993, p.281) – abre espaço para uma metodologia que estabelece o sentido nos limites do particular ou do contexto. Esta metodologia é identificada com o nome de pragmática. Podemos dizer que uma das principais críticas à pragmática é a falta de ênfase na perspectiva de universalidade e isto enfraquece a possibilidade de explicações completas, definitivas, últimas para linguagem, para o pensamento ou para o conhecimento.

A hermenêutica pode ser compreendida como uma forma de retornar às questões originais da existência humana, permeadas pela linguagem. A superação da concepção de linguagem como mero instrumento do pensamento afirmado pela reviravolta linguística é incorporado pela hermenêutica de Gadamer. “Só podemos pensar dentro de uma linguagem e é justamente o fato de que nosso pensamento habita a linguagem que constitui o enigma profundo que a linguagem propõe pensar”. (Gadamer, 2004, p.176).

O sentido unívoco da linguagem conferido por um contexto não esgota a polissemia que a caracteriza. As palavras possuem uma amplitude indeterminada de significação e isto torna o fenômeno da linguagem sempre atrativo e enigmático. O tema da linguagem tem um espaço central no livro *Verdade e Método II*. Ao tratar do tema Linguagem e compreensão, Gadamer afirma:

Se concebermos o fenômeno da linguagem não a partir do enunciado isolado, mas a partir da totalidade de nosso comportamento no mundo, o qual é por sua vez também uma vida em diálogo, poderemos compreender melhor por que o fenômeno da linguagem é tão enigmático, atrativo e fugidio”. (Gadamer, 2004, p.233).

A linguagem da palavra é um dos meios mais eficientes de representar o mundo. Uma frase ou uma palavra pode expressar algo do mundo, algo que o proferente sente do mundo ou de si mesmo. Talvez estas sejam as razões da existência da linguagem. Ao analisarmos uma frase ou palavras isoladas devemos nos perguntar pelos critérios que devem direcionar a interpretação dos seus sentidos. Nesta dualidade, linguagem mundo ou linguagem sujeito, parece haver uma terceira instância em que se situam os critérios de significação da linguagem. Garantir a ligação entre os sinais e dos sinais com o real (o ser) é um dos principais problemas dos pensadores envolvidos com a análise da linguagem.

Podemos dizer que o pensamento humano evolui historicamente, também, pela forma em que seu sentido foi caracterizado. O período grego, de Platão e Aristóteles, ficou caracterizado, entre outros referenciais, pelo referencial ao mundo das idéias e pela polêmica da naturalidade ou convencionalidade da linguagem. O pensamento de Aristóteles, segundo Mário Guerreiro, adota a tese da linguagem por convenção.

O diálogo *Crátilo*, Platão havia levantado uma acirrada polêmica em torno da essência da linguagem sem chegar a endossar qualquer uma das duas hipóteses levantada – se a linguagem é por natureza (*physis*) ou por convenção (*nomos*). Os sofistas, por sua vez, não hesitariam em defender esta última alternativa que é também adotada por Aristóteles, embora ele parta daí para chegar a conclusões bastante diferentes tanto das que haviam sido propostas pelos mestres da erística como das que haviam sido propostas pelo fundador da Academia” (Guerreiro, 1985, p.11).

Identificar o sentido do pensamento humano é um exercício intimamente ligado à caracterização do sentido da linguagem. Uma forma de buscar o sentido ou a validade do pensamento, presente nos escritos de Platão, perpassa a história do pensamento humano sem perder a relevância na atualidade.

Trava-se, aqui uma disputa entre duas posições que na história da semântica receberam o nome de *naturalismo*, segundo o qual cada coisa tem nome por natureza (*physis*), posição defendida no diálogo por Crátilo, e o convencionalismo, para quem a significação é fruto de convenção e do uso da linguagem (*sythede kai homologia*, 382d). (Oliveira, 1996, p.18).

Esta “instância” de significação, talvez, seria a relação entre palavra e mundo ou referente. No entanto, numa frase do tipo: “Pedro é branco”, podemos facilmente encontrar o referente *Pedro* e *branco*. Contudo, não encontraremos o referente ao conectivo *é*. Portanto, a relação com o referente não é critério suficiente para a significação das palavras. Por outro lado, se nos conformarmos com a idéia de que as palavras podem ter significados específicos para contextos específicos, careceremos de critérios universais para significação. Desta forma, o tratamento mais convincente, apesar de não ser acabado, para a significação, parece ser aquele que supera a dualidade entre o formal e o prático. Além disto, apostar num espaço interpretativo que não tem limite ou que tem seus limites (regras) se modificando, da mesma forma que os contextos se modificam.

Para compreender o papel que a psicologia exerce, se faz necessário reconstruir as bases que lhe dão sentido. O conceito de sentido, significado ou significação está em construção, que prossegue a partir de bases ou referências. O desenvolvimento deste artigo apresenta e caracteriza três referenciais, semântica, pragmática e hermenêutica. Para concluir, destacamos que a compreensão do papel da psicologia deve se apresentar em permanente construção, que se dá a partir de bases que são as referências de significação. O segundo parágrafo do presente artigo afirma que a psicologia deve contribuir para a realização humana. Para isto, se faz necessário caracterizar, compreender as diretrizes do comportamento humano, que é influenciado por bases significativas. Estas diretrizes são dadas pelo conceito de significação se apóiam em referências significativas que podem se apresentar de maneira mais rígida e formal (semântica), podem estar vinculadas a uma cultura ou um contexto específico (pragmática) ou podem contemplar culturas e contextos históricos específicos e almejar a universalização (hermenêutica). Explicitar os referenciais de significação e com ele as bases do conceito de significação é exercitar a compreensão do papel da psicologia, analisando as várias práticas, relacionando o teórico e formal com o mundo da vida ou com as histórias de vida.

Referências Bibliográficas

Gadamer, H.G. (2004). *Verdade e método II*. Petrópolis: Vozes.

Guareschi, N.M.F. & Hüning, S.M. (2005). Efeito Foucault: desacomodar a psicologia. In *Foucault e a Psicologia*. (p.107-127). Porto Alegre: ABRAPSO Sul.

Guerreiro, M. (1985). *Problemas de filosofia da linguagem*. Niterói: UFF.

Harvey, D. (1993). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

Hermann, N. (2002). *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A.

Japiassu, H. & Marcondes, D. (1991). *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Kant, I. (1991). *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural.

- Moreno, A. (2005). *Introdução a uma pragmática filosófica*. São Paulo: Unicamp.
- Nagel, T. (1998). *A última palavra*. São Paulo: UNESP.
- Oliveira, M. A. (1996). *Reviravolta linguística - pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola.
- Quine, W. V. O. (1980). *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- Rosenfield, D.(1996). *Descartes e as peripécias da razão*. São Paulo:Iluminuras.
- Smith, P. J. (2005). *Do começo da filosofia e outros ensaios*. São Paulo: Discurso editorial.
- Souza, J.C. (1989). *Pré- Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural.
- Ubaldo, N. (2005). *Antologia ilustrada de filosofia. Das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo.
- Wittgenstein, L. (1990). *Da certeza*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- Wittgenstein, L. (1991). *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural.
- Wittgenstein, L. (1993). *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: EDUSP

Endereço para correspondência:

Faculdade Meridional - Rua Senador Pinheiro, 304
Passo Fundo - Rio Grande do Sul/ Brasil
CEP 99070-220
Fone (54) 3045-6100
E-mail:israel@imed.edu.br

Recebido em 23/02/2009.
Aceito para publicação em 05/03/2009.